



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALEXANDRE FORNARI**

**(depoimento)**

**2011**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-217

**Entrevistado:** Alexandre Fornari

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Sala de aula – ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** Transcrição de palestra

**Transcrição:** Alan Wassum da Silva

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 37 minutos

**Páginas Digitadas:** 15

**Catálogo:**

**Observações:** Depoimento concedido na disciplina de História da Educação Física ministrada pela professora Silvana Vilodre Goellner no Curso de Licenciatura em Educação Física - UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

FORNARI, Alexandre. *Alexandre Fornari (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

## **Sumário**

História do Skate: início da prática no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul; diferenças e semelhanças com o surf; locais de prática do Skate em Porto Alegre; dificuldades em obter um bom skate, tecnologia e informação; visão do Skate durante a Ditadura Militar; surgimento das primeiras pistas no Rio Grande do Sul (espaços públicos e privados); primeiras competições; evolução gradual dos materiais, pistas, informações; declínio do Skate na década de 1980; surgimento de novas modalidades; equipamentos de segurança; estrutura das pistas; construção e reforma de pistas e locais para prática do Skate; atletas; participação das mulheres; drogas; prática do Skate como complemento de sua vida.

Porto Alegre, julho de 2011. Depoimento de Alexandre Fornari para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.F. – Bom dia a todos, é um prazer estar aqui mais uma vez com o grupo de Educação Física. Eu digo mais uma vez porque o pessoal da ULBRA<sup>1</sup> seguidamente nos convida para apresentar ou alguma comissão. Como o enfoque hoje são os anos 1980, eu só vou dar uma noção para vocês do skate em relação de como iniciou em Porto Alegre. Vou me fixar mais nessa região nossa. Eu vi o trabalho das gurias. Está mais focado no Brasil. Eu tenho algumas críticas: eu acho que aqui o skate vem primeiro que o surf, porque o skate sempre foi muito mais barato. Eu digo isso da relação para nós aqui do sul. E vocês falaram que para praticar o surf tem o custo muito maior porque tem que ir até o litoral. O skate tem uma noção bem interligada com a questão do surf. Ele inicialmente nasceu fruto da necessidade de poder se ocupar o dia inteiro. Então, os jovens norte-americanos, principalmente o pessoal da Califórnia - para quem já foi a Califórnia sabe que surfar lá é somente pela parte da manhã. Durante a tarde não tem onda, o mar fica calmo - resolveu criar algo alternativo. Não que o skate não existisse já nos anos 1960, porque ele tem um “boom” lá nos anos 1960. As primeiras aparições do skate são da década de 1940, inclusive, tinha três rodas e os eixos eram fixos. Imagina então, a pessoa andava com os dois pés em paralelo, uma roda na frente e duas atrás, quase como se fosse um carrinho de lomba. Mas nos anos 1960 ele explode lá, e essa ligação com o surf foi quase que uma necessidade. Ter algo parecido com o surf, não que seja igual. Normalmente o pessoal sempre pergunta. Para quem surfa e anda de skate sabe que não tem muita ligação. A base é diferente. O skate está fixo em um lugar, a pista é fixa, e no mar está tudo em movimento. Então, tem algumas diferenças. Voltando a essa questão da parte inicial, ele nasce lá nos Estados Unidos, com um “boom” nos anos 1960, e ele só respinga no Brasil no início da década de 1970. E para nós gaúchos, a primeira referencia de skate é em 1973, alguns jovens que foram ao Rio de Janeiro, e lá já tinha alguma coisa. Jovens que foram aos Estados Unidos e conheceram então esse esporte. Sempre que a gente fala em esporte, sabemos que o skate não é reconhecido como esporte. Vocês sabem que somente quando está nas olimpíadas ele é considerado um esporte propriamente dito. Ele não é ainda oficialmente. Então, esse pessoal, quando trouxe o skate aqui para o Rio Grande do Sul, se confrontou com uma necessidade muito comum a todos: aonde praticar isso? Não se tinha

um local específico. No início dos anos 1970 já existiam algumas pistas nos Estados Unidos e, aqui em Porto Alegre, principalmente, não se tinha nada. Se usava a prática de descer a lomba, popularmente a ladeira. Então, ali se procurava imitar algo muito parecido no andar, semelhante ao surf. Uma prova disso é o filme “Os reis de Dogtown”. Deu para notar bem essa ligação de surf e skate. E, aqui para nós, por ter essa diferença do litoral, era algo muito complicado. Então, se buscava um tipo de improvisado, um local apropriado. Em Porto Alegre, na região próxima ao IPA<sup>2</sup>, as ladeiras do bairro Menino Deus e as grandes lombas, as grandes ladeiras. A avenida Cristiano Fischer foi palco de campeonatos depois. O pessoal se arriscava nisso aí. Agora o skate sempre esbarrou em um problema muito precário: como conseguir equipamento? Como conseguir o próprio dito skate? Tanto é que, entre 1973 a mais ou menos 1975, não se chamava skate, se chamava “Surfitti”. O pessoal aqui na região sul fez essa mescla. Depois então acabou. Porque, se a gente for ver a tradução literal do skate, em inglês, é patins. Eu trouxe para vocês aqui, só para abrilhantar um pouco. Isso aqui foi o meu primeiro skate, tanto é que está aqui marcado com um “u”. Então, as gurias notaram lá que tinha uma diferença. Como é que se andava nisso. E eu mesmo me questiono: como é que se andava nisso? A gente era bem menor, e víamos somente o skate através de algumas revistas antigas ou alguns filmes antigos. Nós não tínhamos aqui a noção de tamanho. Então, agora imagina colocar os dois pés e tentar descer uma ladeira, uma lomba com isso aqui. Era uma aventura, inclusive, tem algumas rodas aqui que são em Baquelite. Baquelite é um material duro que não tem aderência nenhuma, um material derivado do petróleo com Betume. Muito antigo. Então, esse aqui é bem o “surfitti”.

S.G. – Quantos anos tu tinhas quando iniciou no skate?

A.F. – Bom vai começar a me entregar já. Só tem 36 anos atrás, mais ou menos. Então, esse aqui é o famoso “número 1”. Depois, quando a gente conseguiu a introdução de algo já importado, nós tivemos a noção de que nós não estávamos muito errados com relação ao tamanho. O Skate importado que se conseguiu... Esse skate tem uma história muito interessante. Não tem uma ligação muito de tamanho. Então, se tinha somente lombas. Eu, por exemplo, comecei as minhas peripécias no skate na lomba aqui da hidráulica no

---

<sup>1</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>2</sup> Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul.

Menino Deus. Era considerado um reduto muito grande. Ali, se reuniam alguns jovens, esses jovens dos anos 1970, onde o pessoal tentava o máximo possível dominar essas feras. Esse skate, eu comprei em 1970 e alguma coisa. Mas a história interessante é que eu o comprei num dia e, no outro dia, a loja incendiou. Foi nas lojas Renner. Até 1975, a importação era liberada no Brasil. Então, tu conseguias na loja alguma coisa parecida. O skate pode ter entrado nos anos 1960, mas só chegou aqui nos anos 1970. Até nisso, nós brasileiros, tínhamos problemas: transferência de tecnologia. Foi bem precário esse início. O pessoal falou também, e eu ressalvo que o skate sempre foi mal visto, e, já na década de 1970, o skate era considerado um ato de polícia, proibido. Eu me lembro bem. Eu fui recluso três vezes por causa do skate, praticando em via pública. Porque, no período da ditadura militar, para reunir pessoas em uma prática esportiva ou qualquer outra situação, tinha que ser em um local fechado, autorizado por eles e também controlado. Agora, tu pegas aí, eu com meus quatorze anos, numa ladeira no Menino Deus, com vinte, trinta praticantes ali, tu estavas fazendo um atentado a ordem pública. Esse era o rótulo. Então, tu eras recolhido. As pessoas iam para a delegacia. Tinha que chamar os pais dos menores. Os maiores tomavam uns petelecos. Então, sempre tinha essa possibilidade. O skate já era rotulado como atentado à ordem pública, tu ias preso. Inclusive, quando foram abertos os arquivos a guria foi procurar se existia a minha ficha lá, no DOPS<sup>3</sup>, com relação a essas situações envolvendo o skate, mas não. Não estava lá. O brasileiro tem um jeitinho muito interessante. Nós estamos falando da década de 1970. Uma fábrica aqui no Brasil, em São Paulo, resolveu copiar, já que se tinha dificuldade de trazer um skate dos Estados Unidos. Ou tu tinhas um amigo piloto da Varig<sup>4</sup> que trazia, ou tu ia até lá e buscava. Era a única situação que o skate chegava. Então, essa fábrica de São Paulo resolveu copiar. É uma pena que aqui foi colado uma lixa em cima, porque o skate, na década de 1970, se usava os pés descalços. Não se tinha um calçado apropriado, então o pessoal tentava realmente imitar algumas situações do surf. Essa fábrica criou a versão abasileirada. Se a gente for notar, tem grande semelhança. Foi uma necessidade de criar um elemento especial. Na década de 1970 era proibido, então, não tinha lugar, era tudo muito desorganizado. As revistas de skate, principalmente a skateboard magazine que chegava aqui em Porto Alegre, - só tinha uma banca, a banca da Praça da Alfândega. Ela recebia quatro exemplares dessas revistas - chegavam três meses depois de que eram produzidas lá. Todo

---

3

<sup>4</sup> Antiga Companhia Aérea.

mundo bajulava o dono da banca, para separar, para tu teres acesso à informação do que estava acontecendo nos Estados Unidos três meses atrás ou mais. Quatro exemplares. Era uma verdadeira rifa. Por aí, o pessoal ia acompanhando, e lá se viu que as pistas estavam começando a surgir e nós não tínhamos nada. No final dos anos 1970, entre 1978 e 1979, surgiram então as primeiras pistas aqui, algumas delas improvisadas junto das lombas. Por exemplo, no Menino Deus se colocava encostado das árvores ou mesmo das calçadas com os muros das casas algumas tábuas e compensados, tentando improvisar o que seria o início do vertical. Em 1978, nós temos a construção da Swell Skate Park<sup>5</sup>, que existe até hoje em Viamão e a construção da pista do Marinha<sup>6</sup>. E aí o sistema público, o governo em si, resolveram: “Bom, já montei estádio de futebol para a prática esportiva e lá a gente consegue controlar o pessoal. Vamos criar espaços controláveis”. O Marinha, por exemplo, quando foi inaugurado em dezembro de 1978, foi cercado. Ele tinha uma tela com 2 portões, um em baixo e outro em cima. E eu não sei por que sempre tinha “brigadianos”<sup>7</sup> em volta. Era uma forma de controlar os que estavam praticando o skate. Em Viamão não. Por ser particular, era um pouco mais liberado. A diferença lá de Viamão para o Marinha: lá era pago e ali era público. Vamos dizer assim, tinha essa dificuldade.

S.G. – Era pago lá em Viamão?

A.F. – Era pago, era particular. Pagava hora ou o dia, dependendo do pacote. Entre 1978 a 1980, o skate dá um “boom” muito grande, porque lá nos Estados Unidos ele se organiza mais e, indiretamente, reflete aqui. E aqui o pessoal tem um acesso maior ao equipamento, e vocês sabem muito bem quando tu tens um bom calçado, uma boa chuteira, uma boa bola, o que acontece. As coisas se desenvolvem. A mesma coisa começa a acontecer com o skate. Começam a melhorar as rodas, os eixos, os rolamentos e as pistas, tanto lá em Viamão quanto no Marinha. Em 1978, 1979, inauguram Pelotas e Taquara. Então, são três pistas em concreto, que eram super modernas na época. E dá uma grande aceitação na prática esportiva do skate. Eu vou relatar a vocês os campeonatos no Marinha. Primeiro campeonato no Marinha: 60 inscritos. E, a partir daí, cada categoria não baixava. Só tinha o júnior que era até quatorze, quinze anos e depois então, o sênior. Não se tinha essa ideia de profissional. Girava mais ou menos em 60 atletas. Na década de 1970, nos redutos tanto

---

<sup>5</sup> Swell Skate Camp, localizado na cidade de Viamão, próximo a capital Porto Alegre/RS.

<sup>6</sup> Parque Marinha do Brasil, criado em 24 de novembro de 1967.

do IPA como da lomba no Menino Deus, também não passava de 30 a 40 participantes. Então, era um esporte, indiretamente, um pouco elitizado. Mas ele era elitizado pela falta de material. Como prova disso, a gente serrava com faca de pão, cortava os patins da tia e acabava construindo seu próprio brinquedo ou o próprio skate. Já na passagem de 1970 para 1980, a coisa começa a melhorar. As tábuas aumentam e, por elas, tinha necessidade de tu teres um maior controle do skate. Tu já estás agora subindo e descendo paredes, ele já é mais vertical. As rodas já estão num material melhor e os eixos cresceram um pouquinho. Isso tudo é resultado obviamente da evolução que começa a surgir de 1970 para 1980. Está certo que a tábua aqui ainda é bem primária. Isso aqui é o reflexo ainda de se conseguir material de fora.

S.G. – Isso é fabricado aqui?

A.F. – Aqui é importado e a tábua é nacional. A tábua dá para notar que é uma madeira tosca que foi adaptada. Mas ela já é da fase inicial dos anos 1980. Nos anos 1980, como as gurias colocaram, a mídia começa a trabalhar. Nós temos essas revistas americanas que começam a entrar um pouco mais. Já não eram mais quatro. Eram dez. Elas chegavam normalmente com um mês de atraso. Tu tinhas noção. Procurava-se copiar tudo aquilo que tu vias fixo na revista, e raramente chegavam alguns filmes aqui. O brasileiro até nisso foi criativo. Se a gente pegar alguns documentários antigos gravados em super oito daqui do Brasil, com alguma coisa que se fazia na mesma época nos Estados Unidos, tu vais ver que há algumas adaptações nas manobras, mas elas tem quase que o mesmo resultado.

S.G. – Vocês criavam manobras?

A.F. – Olha, tem algumas coisas criadas. Tem uma manobra criada aqui no Rio Grande do Sul chamada “coisarada”. O skatista criou uma manobra que, inclusive, os americanos, quando estiveram aqui, viram o skatista fazer. Ele é um skatista da década de 1990. O pessoal fica assim: “Isso aí não existe”. Mas existe, é o “coisarada”. Quase não se cria muito, talvez pela dificuldade técnica, não digo capacidade física, mas sim pela questão de equipamento e local apropriado.

---

<sup>7</sup> Policial Militar do Rio Grande do Sul.

S.G. – Então vocês olhavam as revistas, os filmes e tentavam as manobras?

A.F. – As revistas raramente tinham uma sequência com grandes fotos. Aí era uma maravilha quando vinham três fotos. Tu pega aqui, solta lá, e aí vai procurando buscar. Então, o skate entra na década de 1980. Ele ainda é um pouco controlado pelo sistema, pelo governo em si, pelo vestir dessa ditadura e, ao mesmo tempo, não existia organização nenhuma. Eram os skatistas mais velhos tipo o Fornari que juntava o pessoal: “Não, vamos fazer uma competição para dar um pouco mais de equilíbrio”. Corria-se atrás de alguns patrocínios, medalhas, camisetas, ou algum outro brinde que poderia se dar. O skate nunca foi assim tão profissional já no início dos 1980. Aí vem um fato muito interessante: nos Estados Unidos se cria, entre 1980, 1982 por aí, a indústria do processo. As pessoas iam nos “skateparks” lá, se machucavam, quebravam uma unha, processavam o proprietário. Os “skateparks” começam a fechar, porque vem uma onda de processos. Lá diminuem as fábricas, diminui a prática devido a isso e, por incrível que pareça, nós aqui do outro lado mundo acontece a mesma coisa. O skate decai no início da década de 1980 a nível de Brasil e, principalmente, aqui no Rio Grande do Sul. Eu falo isso porque, o skate teve polo em São Paulo e, por incrível que pareça, Rio Grande do Sul. Eram os dois maiores polos no início dos anos 1980. Então, ele decai. O Marinha entra em decadência, ele nunca foi reformado, ele está lá da mesma forma que foi criado em 1978. Ele está igual. A Swell, por não apresentar mais uma rentabilidade para os proprietários, eles acabam deixando somente na mão do caseiro. Eles abandonam, se transferem para Santa Catarina, resolvem fazer uma pousada lá, inclusive, um pousada direcionada para a prática de surf que dava mais rentabilidade que ter uma pista de skate no meio do mato em Viamão. Então, aqui também dá essa caída e os jovens, os praticantes que estão vindo reflexo daquela geração de 1970, começam a improvisar também. Nasce as rampas de madeira, primeiramente precárias e depois acabam surgindo os “half pipes” e tal, como hoje se chamam os “banks”. Então, volto ao início. Dá uma decaída e isso vai se arrastar até mais ou menos 1987, onde o skate novamente melhora lá fora. Surgem novos materiais, novos equipamentos e também aqui dá um reflexo novo. A década de 1980 é muito transitória. Ela vem bem, decai e, ao mesmo tempo, já no final dos 1980, ele começa a surgir. Contudo, nem tudo está perdido, porque surge uma modalidade tanto nos Estados Unidos quanto no mundo. Eu falo sempre nos Estados Unidos porque eles são o mentor dessa brincadeira. Meados de 1980 para o final dos anos 1980, surge o skate de rua. Isso então,

vamos dizer assim, da certo vigor nas fábricas, porque ninguém vai fabricar para vender para ninguém. E, ao mesmo tempo, cria um novo estilo: o skate urbano. Eu sempre digo, o “streeteiro”, o praticante do skate de rua, é um verdadeiro arquiteto urbano. Ele tem uma criatividade incrível de adaptar qualquer local para a prática do skate. Seja o meio fio, seja o banco da praça, seja a parede inclinada de um prédio. Ele cria então essa modalidade e hoje ele anda muito bem. Eu tenho um skate clássico aqui dos anos 1980, para mostrar para vocês como houve uma melhora. Lá nos anos 1980 a coisa melhora um pouco. Os skates ficam cheios dos equipamentos para melhorar e tem os “rails” que a gente chama de “grab”, que é para escorregar melhor nas bordas. Aqui o pivô atrás, o protetor de bico, as rodas são fornicadas para tu poderes subir naquela borda que tem, chamada de “caving”, seja de ferro ou de cimento que é o “coping block”. Então, isso aqui era um verdadeiro fórmula 1 dos skates da década de 1980. Quem tinha um desses, era uma pessoa mega milionária. Ele tem somente um pequeno “concave” e o “nose” é reto. Quem conhece skate aí? Ninguém conhece skate a fundo? Como é que se chamava esse modelo ou como é que se chama hoje?

Aluno - Tubarão.

A.F. – O clássico tubarão para os “magrão” de hoje. O skate tem uma data central. Eu brinco com um amigo meu que, quando eu comparo com os skates mais atuais, eu fico pensando: desde o número 1 até o atual, alguma coisa mudou. Se andava num “fordeco” e agora temos aí um fórmula 1, que são os skates atuais. Voltando então a década de 1980, o mais interessante aqui, ali ou no Rio Grande do Sul, - vocês que são da área do esporte - existiu sempre uma gama no setor, não só de mídia, de empresários. Sempre usaram o skatista como alavanca de exploração. Isto é, dava dois “pistãozinho”, tu usa minha marca, tu desenvolve, tu vai a campeonato. Pagava só a passagem e largava o coitado do skatista à deriva. Não tinha nada dessa ideia de profissional. Hoje, nós temos, mais ou menos, no Rio Grande do Sul, dezesseis atletas que vivem exclusivamente do skate. É um número muito bom. Dezesseis atletas vivendo somente em cima do skate. Agora, essa exploração... E aqui nós também tivemos um programa de televisão, programa Realce. Foi apresentado, senão me engano, pela Pampa ou pelo canal 2, TV Guaíba<sup>8</sup>. Inclusive, a pessoa que criou esse programa foi envolvido num crime muito chocante dos últimos tempos que foi o

Charles Jorge Barcelos. Ele criou esse programa. Apresentava surf, skate. O Charves Barcelos trouxe alguns vídeos, já em VHS nos anos 1980. Coisa que nós não tínhamos aqui. Esses vídeos eram transformados em “omatic” que é o sistema para poder passar para televisão. A primeira vez que se viu algo em movimento que acontecia nos Estados Unidos aqui foi a partir dos anos 1980, entre 1983, 1984, mais ou menos. Então, se demorou muito para chegar. Aqui também eu trouxe para vocês - eu mexi com o pessoal - o capacete da década de 1970, feito de fibra de vidro. Reforço nenhum, proteção nenhuma. Se caísse com ele, se machucava muito mais dele do que da própria queda. O equipamento de segurança sempre foi uma coisa improvisada e precária. Nos anos 1980 surgiu uma coisa um pouco melhor. Já tinha mais flexibilidade, é uma fibra trançada, com um pouco mais de reforço por dentro. Foi melhorando, o peso também. Aqui então o capacete atual. Até tirei da embalagem. Está até com a etiqueta. Eu pedi emprestado em uma loja, porque eu fui furtado do meu. Perdi o meu. O pessoal diz: “Nos meus 50 anos vou estar me entregando”. A gente continua andando um pouquinho. Então, hoje tem o reforço muito melhor. São todos projetados para o impacto e, realmente, no vertical, tem que usar. O “street” o pessoal leva um pouco, mas é o salva vidas do skatista. Eu já perdi a conta de casos de skatistas que caíram, bateram a cabeça e o capacete realmente foi a grande salvação. Alguns reclamam: “Puxa, caí e quebrou!” ou “caí, rachou”. Que bom te salvou.

S.G. – Não rachou a cabeça não é?

A.F. – É, com o impacto ele estoura. Ele estoura porque ele absorve o impacto. É que nem usar o “tomoles” hoje: bate e vai para fora. O capacete também bate e vai para fora.

Aluna – Tu conheces algum caso de alguém que morreu por queda do skate?

A.F. – Vários. Uma via tem três. Na ladeira.

Aluna – Mas que bateram num [palavra inaudível]?

A.F. – Isso. Vários. Em Urussanga, Santa Catarina, tem uma pista muito grande, muito bacana. Os skatistas se reúnem lá de dois em dois anos e fazem um campeonato a nível Brasil. Realmente é uma festa. Urussanga é a parte alta de Santa Catarina, perto do Morro

---

<sup>8</sup> Emissoras gaúchas de Televisão.

da fumaça. Lá tem um parque municipal que tem uma pista esportiva, uma pista muito boa. Foi projetada por um padeiro. Ele mesmo fez. Perfeito. O cara era padeiro e fez uma pista perfeita. O pessoal se reúne lá. Teve um menino, há um tempo atrás, que teve a infelicidade de trancar na borda e, por um vacilo, foi direto ao fundo. Porque as pistas, hoje em dia, têm o fundo chato, e essa parte - estou entrando um pouco na parte técnica - que tu sobes para a parede no vertical, se chama transição. Então, na pista menor tem pouca transição. As pistas menores são inseguras. As maiores são mais seguras. Quando a transição é pequena e o fundo é chato, tu caís no raso. Então, aí é muito mais perigoso. Vou dar um exemplo: a Sogipa<sup>9</sup> fez um complexo para os seus associados. Lá é uma pista perigosíssima. Porque é fundo chato e é muito baixa. Para quem vai ser professor mais tarde - espero que até que vocês saiam dessa Instituição o skate esteja um pouco melhor - leve para si: toda pista que é mais alta da sua altura, é segura. Mais baixa que você, é insegura, devido a essa transição. Não tem escape. É que nem o globo da morte. Por que se machuca muito pouco no globo da morte? Todo ele é uma transição. Tu cai nas paredes, não tem fundo chato. E lá em Urussanga tem três metros e trinta, e, em seguida, ele já tem um chato. O menino trancou e caiu sem proteção nenhuma. O que se usa muito no vertical - eu falo do vertical porque é a minha praia - são os joelhos, é tu saber cair. Então, até os vinte e cinco anos, o vertical é muito bom para qualquer praticante. A partir dos vinte e cinco anos, o equilíbrio vai diminuindo e a tendência é tu também. Eu já não me arrisco tanto no vertical devido a questão do perigo. Obviamente isso aqui é o skate atual, o skate vertical. Vocês podem ver que ele não perdeu muito o tamanho. Ele ainda preserva alguma coisa dos anos 1980. As únicas diferenças são os dois dez aqui. O pessoal chama de “rabeta” e “nose”. Eu custei muito a aderir a isso aqui. Depois eu descobri por que. Dei uma tremenda ajuda, principalmente para os mais velhinhos. Segura o pé dianteiro sempre, não deixa escapar, principalmente, no vertical. Então, não mudou muito. Ele preserva certa identidade lá dos anos 1980. Hoje eu digo para o pessoal que não tem porcaria. Só que os skates são muito caros. Hoje, um skate bom, não baixa de R\$800,00. Então, tu botas o skate à R\$800,00, mais o equipamento de segurança. Tu vais a mil e tantos reais para tu teres um skate bom, de ponta, para tu praticares. É um esporte um pouco elitizado e caro. Em compensação, o filho de rua que é o “street”, é simples, pequeno, barato, e tu não precisas tanta necessidade.

---

<sup>9</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

S.G. – Aqueles skates são vendidos no Brasil?

A.F. – Não. Com exceção do bem antigo que foi produzido aqui, é tudo de fora. Existem fábricas aqui. No caso, aqui, não. Esse aqui é o filho urbano, é o skate de rua. Ele é menor porque as manobras são diferentes, tem que ter mais versatilidade para poder virar. Qual é a frente e qual é a traseira? Tem pouca diferença, às vezes, de um dedo. Seria esse aqui o pé de trás. Esse aqui é o mais consumido. Por que o skate de rua, o “street”, hoje, é mais praticado? Porque é mais barato e tu não tens a necessidade de locar pista, de comprar muito equipamento.

S.G. – Onde tem pista de Vertical em Porto Alegre?

A.F. – Olha, a mais ou menos, um quilômetro daqui está sendo construído um dos maiores complexos de skate, talvez do sul do Brasil. É na Avenida Carlos Gomes com a Avenida Protásio Alves. Está escondido ali. Não foi inaugurado ainda. Vai ser inaugurada em dois meses.

S.G. – Aqui em cima. É Privado?

A.F. – É Particular. O pessoal descobriu um “boom”. Aproveitando o gancho dos anos 1980: a geração que se criou o skate vertical foi, de certa maneira, resgatada no início da década, agora no início do século XXI no caso, porque, lá nos Estados Unidos, as piscinas voltaram. Para tu andares numa pista em nível de vertical lá, tu tens que usar por obrigação o equipamento, independente da idade. Antes não. Tu usavas o capacete se quisesse. Lá, independente, tem que usar. Se tu não quiseres utilizar, tu assinas um termo responsável pela unha quebrada ou qualquer outra coisa mais. Aqui no Brasil ainda não. Somente o menor usa o capacete quando é particular a coisa. No público é a “bangu” ainda, tudo solto. O que acontece lá é que se resgatou antigos atletas. Aqui se faz a mesma coisa. Inclusive eu. Eu estava quietinho no meu canto, sem muito compromisso. A gente acaba sendo resgatado. E aconteceu algo muito interessante: o pessoal das gerações anteriores, ou até mesmo da geração iniciante, começam a enxergar a prática do skate vertical como uma grande modalidade. Uma coisa que estava apagada, escondida. E a prova disso é que se construiu lá em Viamão, a Swell, que é da década de 1970. Só agora, nos últimos seis anos,

é que recebeu duas pistas novas. Estão construindo uma piscina, inclusive, a borda veio de fora. A borda é o cimento que se usa em piscina mesmo. Veio de fora. Construiu-se aqui junto a um bar em Porto Alegre, que é o Banx<sup>10</sup>. Construiu-se alguma coisa pública em São Leopoldo, Caxias, Gramado, Canela. Em Canela, inclusive, tem uma pista em um condomínio fechado que é de primeiro mundo. Se você chegar lá, conversar com o proprietário, se identificar, consegue andar. E agora estão inaugurando o Complex, que fica aqui em cima, bem perto aqui de nós, que é fruto dessa impulsão que está aí, se movimentando em nível de skate vertical. Temos agora o “street” bombando e o vertical voltando, e é bem interessante isso. Outro detalhe interessante também que eu estava me esquecendo: o skatista dos anos 1970 para 1980, tinha que fazer tudo. Ele tinha que ser um skatista completo. Tinha que fazer vertical, fazer o estilo livre, que seria o “street”, tinha que fazer o “slalom” e velocidade. A partir dos meados dos anos 1980 para os 1990, começou criando modalidades: “Pô, me adaptei bem nisso, vou ser isso.” Então, o skate se diversificou. Hoje nós temos figuras destacadas no esporte aqui: o da Lua<sup>11</sup>, campeão mundial de velocidade, o Caco Max que é campeão em “slalom”, nós temos o pessoal que se destaca no “street” e também em nível de vertical. Atualmente, o gurizinho que está incomodando os gringos lá nos Estados Unidos - venceu agora, no início do mês, o Vans Pool Party na Califórnia - é o Pedro Barros, um catarinense de quinze anos. Inclusive, seguido ele está em Viamão, em Porto Alegre. E é um gurizinho muito simples, humilde. Tomara que continue assim. Ele chega aqui e a primeira coisa que ele pergunta para os mais velhos: “Posso andar?” Imagina o cara é campeão lá, mas é um sinal talvez de respeito. Ele chega e sempre pergunta: “Dá para andar aí?”. “liberado. Pode azucrinar!”. Então, está aí, despontando mais um brasileiro. Outro detalhe interessante: o segundo maior polo de skatistas no mundo hoje é o Brasil. E, obviamente, como as gurias comentaram, por trás, quem realmente sustenta, fabrica, produz e mantém o skate, realmente, é um pouco a moda, o vestuário. Assim como também é no surf, tem muito disso. O que sustenta muito o sistema é a moda, a maneira de se vestir, a maneira de se comportar. Então, é um reflexo que vem por aí. Eu abro espaço para vocês perguntarem alguma coisa. Eu sei que achatei um pouco. Eu poderia falar muito mais, principalmente, a nossa história, a evolução. Vou deixar aberto para vocês. Algum questionamento, alguma colocação?

---

<sup>10</sup> Bar fundado em 30 de Maio de 2010, localizado em Porto Alegre. Possui uma pista em forma de piscina.

Aluna – Eu gostaria de saber o que é o “slalom”?

A.F. – No “slalom” tenta-se imitar o que faz no esqui. O esquiador desce a montanha e, com o esqui, vai contornado obstáculos e, obviamente, vence o com menor tempo. No “slalom” também se colocam alguns obstáculos, tipo um cone. Se dá a largada e o skatista tem que percorrer o trajeto e contornar os obstáculos, tudo contra o relógio. Só para vocês terem uma ideia: o parque do Marinha nasceu para isso. A pista do Marinha seria um “bang slalom”. Era proposta inicial dele. Eu até participei de três competições lá. Seriam cones nas paredes, fixados. Dá o sinal lá em cima, contorna e também o relógio. Só que o Marinha teve alguns erros. Ele deveria ser horizontal. Porque o “bang slalom” tem que descer, fazer o retorno e subir. Hoje o Marinha, por ser um pouco mal feito, só consegue realmente descer. Subir dá, mas tem que ter um tremendo esforço. Cansa muito tu subires aquilo tudo ao contrário. É fruto disso daí. O “slalom”, que é uma modalidade bem antiga por sinal, foi uma das primeiras a surgir nas lombas, porque, lá na Califórnia, o pessoal tem contato com esqui. Então, tentava reproduzir. Usavam-se bobinas de linha, se usavam os conezinhas, improvisando.

S.G. – E mulheres no início do skate nos anos 1970? Tinha praticantes mulheres?

A.F. – A mulher tem um problema muito sério, porque são “duras”. A questão da maternidade. Tem a região da bacia. Vocês podem notar elas, tanto para o surf como para o skate, têm a cintura muito dura. Isso prejudica. No skate e no surf tu tens que ter cintura. Não estou dizendo que todas, mas, a grande maioria, tem problema nisso daí. É uma questão de constituição feminina. Não que não tenham habilidade. Tem habilidade, claro. Uma experiência minha nesses últimos trinta e seis anos de skate é que elas sempre foram bem vindas, mas desistem. Um tombo, uma queda, se machucar. Hoje o “street” tem bastantes meninas. O skate de lomba que voltou hoje que é o “longboard”. Eu tinha dois exemplos para trazer, o novo e o mais antigo, mas como é um volume muito grande de material - são vinte e poucas peças - não deu condições de arrecadar isso tudo. Então, a menina tem essa possibilidade do jogo de cintura ser um pouco mais trancado, mas sempre foram bem vindas. Não tem aquela questão do machismo do gaúcho da mulher em casa

---

<sup>11</sup> Douglas da Lua.

lavando e cozinhando, e não praticar nada. Pelo contrário, elas sempre foram bem vindas dentro do esporte e uma situação que não progride.

S.G. – Nós temos atletas gaúchas de skate?

A.F. – Tem alguma coisa já no vertical. No “street” tem mais. No vertical muito pouco. Nós temos uma paulista que compete hoje lá fora de igual para igual. Ela já vem beliscando talvez um mundial e, o que ela faz, muito barbado não faz.

S.G. – A Karen Jones continua sendo a grande referência brasileira no vertical?

A.F. – Sim. Enfrentar paredes de quatro, quatro metros e meio daquelas mega rampas, não é fácil. Falando nisso, a mega rampa começa agora. Está estourando aí na semana que vem. Há dois anos atrás, eu fui a São Paulo ver de perto. É assustador, é muito grande. Realmente é um prédio de seis andares. A onda do Havaí é café pequeno em altura.

S.G. – Tu foste lá em cima? [risos ao fundo]

A.F. – Para não dizer que eu não andei na mega rampa, eu consegui andar num “quarter” só, que é aquela parte onde se aterrissa e vai para a grande. Eu andei só ali e uma “fiasqueira” só. Nós temos muitos gaúchos que são pessoas que definiram o esporte em nível de Brasi. Pessoas que foram grandes influências. E hoje nós temos revistas em nível de Brasil que são gaúchos que criaram. As revistas e continuam a existir. É o caso da revista Tribo. É filho nosso aqui de Porto Alegre. Nós sempre fomos um polo referencial do esporte. A questão do mal visto, principalmente, os menores perguntam: “Bah professor, e a questão das drogas?”. Como em qualquer esporte tem. Tem, vocês sabem disso. Agora, o drogado não faz nada, não consegue realmente dominar o skate. Eu vou dar um exemplo, mas não vamos citar nomes é claro: atualmente, nós temos um atleta que está enfrentando um problema muito grande de drogas. Os norte-americanos quiseram levar ele: “Então, a partir de hoje, tu és nosso, uma marca importada”. Iam levá-lo aos Estados Unidos para ele se desenvolver ainda mais lá. Foi aberta a porta para ele e não está conseguindo se livrar disso daí para poder dar continuidade no skate. Talvez tenha perdido essa oportunidade de ser patrocinado por uma grande marca norte americana e morar lá. É

o exemplo negativo. Não conseguiu separar as coisas. A droga, dentro da parte profissional, da pessoa que compete, que está ali tentando melhorar e se aprimorar, não tem espaço.

Aluna – É mais uns que usam o nome do esporte para fazer arruaça, não é?

A.F. – É, e, no caso arruaça, eu sempre digo que é a falta de local apropriado. Eu, por exemplo, moro a dezenove anos em Guaíba e, lá em Guaíba, eu sou “persona non grata”<sup>12</sup>. Cada eleição, cada troca de secretário, de prefeito, a gente está sempre pedindo, e a gurizada sempre bate à minha porta: “Pô, tu que és mais velho, tu que és um coroa, vai lá e fala por nós, porque a gente não tem moral”. Devido a essa visão ligada às drogas. Mas, em compensação, lá não tem o local apropriado para se andar. Lá se anda muito em “slalom”, “down hill”, que é velocidade. Tem muitas lombas. Agora, o “street” e o vertical, não têm. O “streeteiro” então, por ser o skate mais barato, o mais fácil para tu ter e andar, usa a rua, usa a calçada, o banco da praça, o corrimão da escola. É aquela confusão que gera esse aspecto de baderna. Não vou dizer que não tenha. Tem baderneiro, mas, se tivesse um local apropriado, ia se desenvolver e tirar o pessoal da rua.

S.G. – Quando que se criou essa ideia de Dia Mundial do Skate, tu sabes?

A.F. – Veio dos Estados Unidos. Não sei se morreu alguém lá, mas esse alguém começou a bombar e hoje é sensacional a comunicação. Inventou uma coisa lá e já está aqui. Todo mundo sabe o que acontece. O Pedro Barros, quando venceu lá, naquela madrugada, eu consegui dar os parabéns para ele direto, via “facebook”. Então, hoje a comunicação é uma alavanca enorme.

S.G. – Não precisa mais esperar três meses para a revista chegar [risos].

A.F. – É, não precisa mais esperar três meses para a revista chegar. Uma coisa interessante também, só para finalizar: eu digo que o skate, para mim, é um complemento de vida. Ele não foi a minha vida. Eu estudei, me formei, tive filhos, constituí família, mas ele sempre

---

<sup>12</sup> Tradução literal: "pessoa não bem-vinda". É um termo utilizado em diplomacia com um significado especializado e judicialmente definido.

me acompanhou. Eu digo, às vezes: sou a prova da visão não marginalizada da coisa. Ele, para mim, é um complemento. Está na minha vida há trinta e seis anos. Espero continuar mais um pouco.

S.G. – Teus filhos praticam skate?

A.F. – Eu tenho um filho de seis anos que eu nunca forcei. Ele mesmo começou a rodear. O fruto não cai longe do pé. Ele já está iniciando por ele. Eu não estou intervindo, só estou dando assessoria. Ele já está ali brincando, está curtindo, está passando talvez para outra geração.

S.G. – Eu queria agradecer imensamente a disponibilidade do Fornari. Foi um privilégio nessa aula de conhecer essa história do skate, porque a gente não conhece quase nada de algumas modalidades aqui no Rio Grande do Sul.

A.F. – Em nível de conclusão de curso, eu acho que só tem um livro “A Onda Dura”. Só tem esse. Não tem outro trabalho. Por incrível que pareça, eu apresentei um projeto alguns anos atrás, e foi bem na época que deu aquele problema de incentivo á cultura...

[FINAL DO DEPOIMENTO]